



---

**Universidade de Brasília**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MIGUEL SANTOS DE ARAUJO TEIXEIRA**

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DOS LAÇOS  
AFETIVOS**

Brasília - DF

2015



**Universidade de Brasília**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MIGUEL SANTOS DE ARAUJO TEIXEIRA**

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DOS LAÇOS  
AFETIVOS**

Trabalho de monografia apresentado para avaliação na conclusão do  
Curso de Especialização Lato Sensu, UNB-2015.

Prof. Orientador: PRF. MS. Inês Maria M. Z. Pires de Almeida-  
UNB/FE

Tutor: Janaína Mota Trindade- SEEDF

Brasília - DF

2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Termo de Aprovação

Miguel Santos de Araújo Teixeira

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DOS LAÇOS  
AFETIVOS**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em  
Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

Professora- orientadora Inês Maria M. Z. Pires de Almeida- UNB/FE

---

Professora- tutora Janaína Mota Trindade- SEEDF

---

Examinadora externa Professora Ms. Márcia Milhomens Chauvert- SEEDF

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais por estarem sempre me apoiando e me ensinando a ter disciplina e coerência com as minhas escolhas e atitudes. Agradeço ainda aos amigos e colegas mais próximos por terem dividido as suas experiências comigo para enriquecimento do trabalho. Homenagear minhas professoras Inês Maria e Janaína pela grata surpresa em encontrar em vocês um pouco mais que apenas tutoras de uma especialização. Agradecer ainda, por ultimo e não menos importante, às pessoas que participaram dos debates, discussões e estudos durante todo o processo do trabalho, bem como em sua conclusão, sem a sua contribuição e disponibilidade não teria como a pesquisa ser feita.

“Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.  
Ambos existem; cada um como é.”

Fernando Pessoa

## **RESUMO**

O trabalho de monografia para a especialização em Coordenação Pedagógica consiste em um estudo e uma observação das possíveis implicações que os laços afetivos produzem dentro das coordenações pedagógicas. O objetivo maior era observar como as relações dentro das reuniões são constituídas e como elas são desenvolvidas, e quais consequências, positivas ou negativas, que elas trazem consigo. Afetar-se com o outro ocorre em quaisquer situações da vida acadêmica, social e familiar. A empatia, simpatia e os reforços positivos e negativos estão realmente presentes nessas relações, dando reflexos dos motivos por que são o que são. Cada relação tem sua beleza e sua importância. Muito se acreditou que o afeto esteve sempre relacionado com uma ideia de carinho, amor, mas sob a luz da Psicanálise o afeto liga-se às construções de laços entre pessoas e coisas, mesmo que esses laços não sejam amenos ou de carinho. Foram feitos encontros de debates como instrumento e estratégia de observação para se alcançar os objetivos. E pode-se perceber que grandes inquietações foram exteriorizadas e amenizadas durante o bate papo entre os participantes. A presente monografia vem resgatar como a humanização e a compreensão do outro pode ajudar no desenvolvimento das coordenações pedagógicas e como isso reflete no fazer educação. Palavras-chave: afetividade, coordenação-pedagógica, Psicanálise.

## **ABSTRACT**

The thesis work for specialization in Pedagogical Coordination consists of a study and observation of the possible implications that the bonding produce within the pedagogical coordination. The main objective was to observe how relations within the meetings are made and how they are developed, and what consequences, positive or negative, they bring with them. Been affected with the other occurs in any situation of academic, social and family life. Empathy, sympathy and positive and negative reinforcements are actually present in these relationships, giving reflections of the reasons why they are what they are. Every relationship has its beauty and its importance. Much is believed that affection has always been related to a sense of warmth and love, but in the light of psychoanalysis affection binds to building bridges

between people and things, even if these ties are not mild or affection. Debates of meetings were held as instrument and observation strategy for achieving the goals. And it can be seen that serious concerns have been externalized and softened during the chat between participants. This monograph comes to rescue as humanization and understanding of each other can help in the development of pedagogical coordination and how it reflects on making education.

Keywords: affection, coordination and pedagogical, Psychoanalysis

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	9
1- COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O ESPAÇO DE REFLEXÃO .....	12
2. AFETO: QUESTÕES PSICANALÍTICAS .....	18
2.1 AFETO E REALIDADE ESCOLAR.....	21
3. DEBATES E INQUIETAÇÕES .....	24
3.1 PRIMEIRO DIA DE DEBATES: EXTERIORIZANDO AS .....	24
3.2 SEGUNDO DIA DE DEBATES: ENCONTRANDO POSSÍVEIS .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	35



## INTRODUÇÃO

A coordenação pedagógica é um lugar utilizado para a organização, mediação e sistematização do fazer educativo utilizado nas escolas desde algum tempo. Ao observar a trajetória das brigas e discussões vinculadas às escolas percebemos o grande anseio que os professores tinham em obter um tempo para que seu trabalho, seja coletivo ou individual, discutido, compartilhado e enriquecido junto aos outros colegas. A coordenação pedagógica no Brasil ainda em alguns estados não é um espaço específico, e nem todas as escolas o possuem, porém, a maioria das cidades que o tem começaram por volta da década de 1980<sup>1</sup>, ainda com vários problemas de horário e de adaptação as suas atribuições.

Os papéis do coordenador são inúmeros e bem complexos, porem o mais central é a mediação das discussões pedagógicas e fomentar a reflexão por parte do fazer educativo. A coordenação é um momento que os professores podem, ou pelo menos poderiam exteriorizar seus pontos de vista, seus medos e limitações para que de alguma forma possam ter algum conselho, ajuda ou mesmo uma palavra de compreensão por parte dos outros educadores e do coordenador. Mas não podemos resumir as coordenações ou mesmo o próprio coordenador como aquele que deve organizar todo o trabalho pedagógico da escola, bem como ter total responsabilidade por encontrar estratégias de ensino e melhorias. Ele deve ter atribuições de mediar e construir juntamente com os professores as possíveis soluções para essas inquietações que todos nós profissionais de educação temos.

Observando e refletindo sobre a minha trajetória acadêmica e profissional vejo como o momento da coordenação sempre me fez bem e me fez refletir sobre meu fazer educativo. As vezes até inquietações pessoais, fora do âmbito escolar, permeavam as discussões, já que um educador é fruto de todo um processo emocional construído dentro e fora do seu ambiente de trabalho. Por isso, sempre vi a necessidade de que o

---

<sup>1</sup> Década essa que marcou o começo dos papéis de coordenador e supervisor pedagógico. Adaptações quanto ao horário e as atribuições desses papéis começaram a surgir juntamente com conflitos de natureza política, financeira e burocrática. (VENAS, 2010)

coordenador como mediador tivesse uma habilidade de mediar discussões para trabalhar com essas complexas e subjetivas questões que podem e devem surgir nos momentos de reflexão.

O ponto mais comum e mais perceptível é quando nos deparamos com o pensamento que o coordenador pode controlar todos os resultados e todo o trabalho educacional dentro da escola. Garantindo êxito por tudo que se dispõem a executar. Sabemos que não podemos ter certezas dessa natureza quando falamos de um trabalho com pessoas, que são polivalentes, ambíguas e dotadas de emoções, medos e objetivos diferentes. O que podemos ter em mente é que a sua pertinência está vinculada a promover, erigir e administrar discussões, reflexões e momentos de pleno laço educativo entre professores, gestores, supervisores e coordenadores.

Considero que quando falamos sobre o papel e formação do coordenador não se pode esquecer, como já foi mencionado acima, que a suas habilidades mediadoras devem estar em plena atividade, pois é necessário que se tenha muita empatia, compreensão e cuidado ao falar com os educadores. Sempre senti falta dessa postura dos coordenadores, tentar estabelecer ações mais humanizadas, apostar em estabelecer possíveis laços mais afetivos entre todos os envolvidos nos momentos de coordenação. Assim, o problema que norteou toda a pesquisa será como esses laços afetivos implicam no processo de coordenação pedagógica e se esses possíveis laços podem de, alguma forma, proporcionar um trabalho mais humano entre todos os envolvidos. Tendo a psicanálise<sup>2</sup> como luz de todo o estudo.

O grande objetivo é refletir sobre as implicações desses laços, bem como reconhecer o lugar da coordenação como cenário mais humanizado, e de que forma eles se dão, ou se podem surgir. A todo e qualquer momento criamos laços, eu a qualquer momento me afeto com o outro e crio uma comunicação mesmo que silenciosas entre as pessoas que me abarcam. Toda a subjetividade e complexidade que as pessoas apresentam vão ao encontro da psicanálise. Ela nos ajuda a entender, ou pelo menos ter uma noção de como as pessoas se abrem para o mundo e como o trabalho pedagógico pode beber de todas as teorias, incitações e ajuda que o método de Freud nos proporciona.

---

<sup>2</sup> Método terapêutico desenvolvido pelo neurologista austríaco Sigmund Freud (1856- 1939), para se investigar a psique humana e o comportamento.

A metodologia utilizada para que se colete dados e se reflita foi o debate. Foram feitos dois encontros com professores e coordenadores no intuito de se debater, discutir e levantar questões pertinentes ao que estamos analisando. Alguns pontos mais em evidência foram como temos hoje as reuniões e como gostaríamos que fossem, quais repercussões uma reunião de coordenação adequada oferta para o desenvolvimento do processo educacional e da organização do trabalho, e por último como esses laços afetuosos e mais humanizados tendem a implicar na forma como o trabalho educacional é conduzido na instituição de ensino. Após a coleta de dados, foi feita uma reflexão tendo a psicanálise como luz e como ela pode ou poderia ajudar a resolver pendências e questão complicadas nas escolas.

## 1- COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O ESPAÇO DE REFLEXÃO

A função do coordenador deve ser pensada e repensada, bem estruturada, já que o grande objetivo dessas reflexões é o aprendizado e o sucesso dos alunos e da escola, mesmo que não se tenham suas garantias. As estratégias metodológicas devem estar em consonância com os pressupostos filosóficos e metodológicos definidos coletivamente no PPP<sup>3</sup>, cuja elaboração deve ser sistematizada pelo coordenador pedagógico. Documento esse que não deve ser enfrentado apenas como um escrito, mas sim deve nortear, orientar e ser base para todo o trabalho pedagógico. O coordenador é votado pelos educadores regentes e desempenha seu papel anualmente. Seu cargo está garantido na LDB 9394/96, porém ainda hoje temos um grande problema, a formação do coordenador. Especificamente ela não existe, ela se dá em cursos de Pedagogia ou em cursos de especialização. De acordo com a Lei, “A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação (BRASIL, 1996)”.

O espaço da coordenação pedagógica foi criado há algumas décadas para proporcionar um melhor aproveitamento do tempo dos professores na construção do processo educacional. Ainda que aqui no Brasil nem todos os estados apresentem esse lugar dedicado à prática da reflexão, em grande maioria das cidades as escolas possuem um horário para que professores orientadores, coordenadores e gestores se reúnam com o objetivo de discutir e viabilizar todas as estratégias de ensino adotadas pela escola, em consonância com o PPP. Em geral, as coordenações são semanais, coletivas e individuais, de acordo com o núcleo de ensino, ex: linguagens e códigos, ciências exatas e matemática e ciências humanas. Cada professor se reúne com seu núcleo e reflete sobre temas variados tendo em foco o seu campo de conhecimento. Já em reuniões coletivas, todos discutem sobre o andamento geral da escola; é nesse ponto que vamos nos concentrar.

Hoje com todas essas mudanças no mundo, conflitos, inquietações econômicas, problemas sociais, influenciam diretamente na vida dos cidadãos e tudo isso implica na

---

<sup>3</sup> Projeto Político Pedagógico. Documento feito por todos os professores, coordenadores e supervisores que norteará o trabalho escolar. Explicita projetos, atividades extracurriculares e estratégias metodológicas adotadas pela instituição de ensino.

qualidade de ensino, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos. Toda a comunidade escolar sofre essas influências diretamente ou indiretamente. Muitos hoje tentam encontrar saídas para que os índices de predicação de ensino aumentem, e uma delas é a ampliação e o uso correto das coordenações pedagógicas nas escolas. Entende-se que gerenciar a qualidade de ensino demanda um olhar específico, com visão na comunidade escolar em questão, por meio de uma gestão escolar democrática e participativa que elabora e reelabora de forma eficaz o Projeto Político Pedagógico. Destacamos que o Coordenador pedagógico ocupa papel norteador nesse processo de constante busca de soluções por meio da sistematização do planejamento coletivo, que leva em consideração o contexto social. Porém devemos lembrar que o coordenador não detém todos os saberes e responsabilidades para essa qualidade de ensino, ele apenas tenta repensar, refletir e manejar discussões.

Segundo GROSBAUM 2002, os papéis do coordenador e dos gestores estão atrelados um ao outro, bem como a autonomia que este possui. De certa forma a boa convivência entre gestores, coordenadores e professores propiciam laços harmoniosos, tendo como possível consequência uma melhoria nas discussões e análises do funcionamento educacional da instituição. O espaço da coordenação foi criado originalmente para atender essas demandas que as escolas possuem, melhoria das condições escolares, planejamentos estratégicos de aulas, avaliações e afins, porém com todas as modificações que as escolas vem apresentando o foco, ou a necessidade desse tempo se resignificou em momentos de grande reflexão e análise da escola como um todo. Não somente da escola, mas de toda a vida social, acadêmica e por diversas vezes emocional que todos apresentam. Todos esses fatores implicam no andamento das reuniões e de sua qualidade.

O planejamento coletivo na rotina da escola nos aparece como um dos principais instrumentos de avaliação do próprio trabalho docente e há de se concordar que essa ação precisa ser mais discutida e vivenciada pelos educadores no cotidiano escolar. Importante sinalizar que as legislações vigentes não trazem essa prática de forma explícita, mas também não a negam, já que a maioria das atribuições do coordenador está voltada na frequente realização de ações educativas que priorizem o processo ensino aprendizagem. E sabemos que suas atribuições focam além dessa responsabilidade. Apaziguar ânimos, mediar brigas, orientar professores, estabelecer regras são algumas que o coordenador necessita desempenhar. Creio que por isso se faz

muito necessário uma formação mais adequada para coordenadores, para que estes estejam preparados e formados adequadamente, pelo menos de forma teórica, para desempenhar tantos papéis dentro de escolas.

Tendo a prática e o olhar de docente como referência, o coordenador enfrenta o desafio de construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação. Sua contribuição para a melhoria da qualidade da escola e das condições de exercício profissional dos professores dependerá do sucesso alcançado nesta tarefa. De acordo com LIMA 2007

...”olhar necessário como busca identitária, não é objeto outorgado somente por normalização institucional, mas certamente é um espaço de conquista, é um espaço de resolução de conflitos e de assunção do papel profissional do coordenador pedagógico como ator social, agente facilitador e problematizador do papel docente no âmbito da formação continuada, primando pelas intervenções e encaminhamentos mais viáveis ao processo ensino-aprendizagem.” (LIMA, 2007)

Compete ao coordenador pedagógico, juntamente com todos os educadores das escolas, exercer a arte de coordenar para educar. Também no sentido de possibilitar trocas e dinâmicas da própria essência da aprendizagem: aprender a aprender, essência do que se concebe como formação continuada de educadores.

Não se trata de imaginar que cabe ao coordenador sozinho realizar tantas tarefas, mas de compreender que este, está a serviço do grupo no encaminhamento dos objetivos de buscar a superação dos problemas diagnosticados, refletir e analisar situações cotidianas que possam promover a dinâmica coletiva necessária para o diálogo. Diálogo esse que se faz extremamente necessário.

“Uma gestão participativa também é a gestão da participação”, afirma José Carlos Libâneo (1996, p.200). Construir um ambiente de liderança que tenha conversa, debates e compreensão são uma das coisas mais difíceis de serem feitas, já que os egos começam a se chocar ligeiramente. Quem desempenha papel de coordenador

pedagógico necessita despir-se do senso autocrático e impositivo e adotar uma postura mais mediadora e mais amena, pois é por meio da troca das ideias e das conversas que tudo será aprendido e será modificado. O ato de escutar, sugestionar pelo bem coletivo e ressignificar posicionamentos quando possíveis são atitudes necessárias dentro de coordenações pedagógicas e demais reuniões.

O professor encara diariamente situações que envolvem a relação entre ele, seus alunos e o conhecimento gerado em sala. Além dos problemas que surgem no dia-dia escolar que necessitam de solução quase que imediata. No coletivo, os professores podem enfrentar esses problemas de uma forma mais reflexiva por meio do diálogo com seus pares (SCHÖN, 2000, p. 129), propondo soluções passando pela mediação do coordenador pedagógico no processo de facilitador e registro dos debates existentes entre os professores na busca destas soluções. A troca de experiências entre educadores possivelmente proporciona um avanço no trabalho e no desenvolvimento da identidade como docente.

Em sua função “mediadora”, “articuladora”, “catalisadora” e como “elemento agregador” torna o coordenador pedagógico um construtor de sentidos voltados para as situações educativas. Em sua ação formadora docente, demonstra a sua personalidade, expõe suas ideias, saberes, leituras e conhecimentos no decorrer das atividades desenvolvidas nos encontros de horário complementar. O coordenador pedagógico é um “artesão” reconstruindo permanentemente seus saberes, nas relações travadas entre os demais membros da comunidade escolar (CHARLOT, 2005 in OLIVEIRA 2008).

Falar em coordenação pedagógica é conversar diretamente com elementos como a empatia, a inteligência emocional, estímulos e motivação. Assim sendo, precisamos tecer a identidade desse profissional tão complexo e que tem grandes atribuições dentro das instituições de ensino. A sua identidade é traçada e entendida como uma construção social, que vem em déficit desde a formação do professor, seja ele pedagogo ou de qualquer outra área. E, por conseguinte, os outros integrantes no processo educacional, diretor, supervisor e professores necessitam entender o papel do coordenador, entender

sua função e respeitar suas atribuições. Vários autores hoje pesquisam sobre a formação do coordenador e constataam que os cursos de Pedagogia que é a formação inicial ainda apresenta uma defasagem quanto à coordenação.

Na maioria das vezes o que vemos são coordenadores apenas dando informações de datas, reuniões e afins no momento que foi estabelecido para reflexão e catarse, pois precisam recorrentemente atender outros chamados de problemas que ocorrem na escola, sendo essa uma atribuição bem aquém de um coordenador. Os membros das escolas precisam entender a identidade e a importância do coordenador.

Como agente de transformação escolar, o coordenador necessita focar na aprendizagem e no ensino, bem como na coletividade. O sucesso de uma escola também depende de um coordenador. Assim sendo, esse foi um ponto a se levantar nos dias de debate para que os próprios professores exponham suas inquietações e indignações quanto a essa simplificação do papel do coordenador.

O Professor Coordenador precisa reestimar os professores envolvidos para que se tenha o compromisso de tentar novas formas de trabalho capazes de alterar os rumos do processo educativo. Para que isso aconteça será preciso seguir essas ações para que tudo o que se replanejou, não se perca somente com falácias, não tornando-as em coisas concretas (muito comum nas escolas públicas).

Discutir a questão da assiduidade e buscar razões do excesso de falta de muitos às aulas é uma tarefa árdua pois a falta de continuidade dos conteúdos provoca nos alunos o desinteresse por determinadas disciplinas. Organizar com antecedência as reuniões pedagógicas para evitar improvisações é algo importante e que muitas vezes falta no coordenador; procurar chamar a atenção de todos pra que ninguém fique disperso nesse momento pedagógico tão importante.

Acompanhar e pensar as avaliações que serão aplicadas aos alunos e os critérios pelas quais vão ser norteadas as avaliações devem medir a eficiência dos métodos aplicados em sala na prática. As provas representam um amontoado de questões nas quais os objetivos não se expressam claramente ou nas quais os conceitos básicos e habilidades a serem avaliadas não ganham relevância. Afrontar para que a avaliação deixe ser uma arma e passe a ser diagnóstica é algo muito relevante para o andamento dos processos educacionais. Com o objetivo de que a escola obtenha resultados



satisfatórios é preciso que todos os deem a sua contribuição à melhoria do ensino-aprendizagem.

## 2. AFETO: QUESTÕES PSICANALÍTICAS

Primeiramente, a palavra afeto, de acordo com o dicionário brasileiro, detém a ideia de carinho, de algo que nos toca e nos sensibiliza, porém sob a luz da psicanálise em linhas gerais ela vem com um teor de grande força no que tange a afetação, em ser tocado, de forma positiva ou negativa, já um pouco diferente da simples definição metalinguística. Para Freud, o afeto é um local a ser estudado muito complexo e bem mais profundo que apenas algo que esteja ligado à calentura, respeito ou em ser ameno nos laços estabelecidos.

Afeto está totalmente relacionado em como eu me relaciono com o outro, em como eu me deixo afetar, em como eu me deixo sensibilizar pelo próximo. Os laços de todas as formas são produzidos por meio do afeto, por meio das afetações que sofremos por todos os que nos rodeiam, ou pelo simples fato de não se deixar afetar. Negar que a afetividade nos modifica e é dinâmica é o mesmo que negar na mudança de comportamento que a aprendizagem causa em nós seres humanos.

"o afeto pode se constituir como um meio de abordagem da ética da psicanálise. Ele nos faz ver o invisível. Permite ouvir algo desta ética, silenciosa, mas falante, particular, mas transmissível, pois transpõe a tragédia para o espaço do drama menor da cena afetiva, que ele representa" (FREUD in NOBRE, 2001)

A vida afetiva depende da condição dos encontros entre as pessoas, à medida que asseguram a existência da criança ou jovem pela via da gratificação e identificação com aquele que mantém o corpo e o self<sup>4</sup>, que possibilita a aliança da representação de si mesmo e do outro. Os laços afetivos são estabelecidos quando abrimos espaço e permitimos que aqueles que nos rodeiam exerçam influência sobre nós. De acordo com

---

<sup>4</sup> Aquilo que define o ser em sua individualidade e subjetividade. Vai ao encontro da essência do ser humano. Gestor e mediador dos conteúdos interiores do indivíduo. Termo muito utilizado na psicanálise. (JUNG, SD)

vários estudos psicanalíticos, as habilidades emocionais, o amadurecimento da mente e intelectual é propiciado pela ação do outro; das suas palavras, das atitudes e das convicções sociais que nos rodeiam. Claro que a psicanálise não descarta o carinho sendo como uma forma de afetação, porém não a única, já que sabemos agora que esse afeto tanto pode ser positivo como pode ser negativo.

Algo a salientar é que para Freud o afeto necessita do corpo, pois é nele que se alimenta e se manifesta, mas é necessário que se tenham dois corpos. O afeto é a pulsão, o gerador que o corpo possui em relação a outro corpo. Apesar da importância do afeto, Freud nunca perpetrou uma definição para esclarecer como pensava sua natureza ou origem. Tampouco sistematizou o que entendia por afeto, deixando em aberto essa questão. Observamos que em vários teóricos encontram-se dificuldades no estabelecimento do conceito de afeto em Freud, categorizando-o como noção.

Acredita-se que, dentre todos os termos, “o afeto é o único que poderia ser considerado um conceito, seja pela quantidade de vezes em que é empregado, seja pelo número de termos correlatos ou derivados, seja em virtude do contexto em que aparece”. O afeto para Freud inclui aquilo que acontece ao indivíduo e o modo como ele percebe e entende o que lhe acontece. Dessa forma, entendemos o afeto como a alteração corporal e psíquica, assim como a inquietação desta variação pela consciência num movimento de reflexão. Dessa forma, para Freud (2009), a quantidade de energia e a descarga são elementos do afeto.

As relações entre as pessoas são estabelecidas e mantidas por meio de vários aspectos e um deles é o modo como nos apresentamos e nos abrimos ao mundo. O afeto vem sendo discutido por vários anos e por vários teóricos, em como ela pode ou não influenciar os laços postos. Assim, nas instituições de ensino não seria diferente, tanto entre professores e alunos quanto entre professores e professores. É necessário que o profissional de educação lembre-se de que a afetividade é uma das grandes responsáveis por parte do desenvolvimento do processo de ensino.

A figura do professor frente aos seus alunos tem grande influência, afetando-os e guiando-os pelos caminhos do conhecimento. Estabelecer laços de respeito, carinho, ou mesmo neutros são imprescindíveis para que haja um possível sucesso na empreitada do

ensino. Ter empatia e tentar entender as dificuldades de ambas as partes é importante para o bom convívio e para o desenvolvimento pessoal e social dentro de sala de aula.

Para Freud (1973) somente quem pode ser pedagogo é aquele que consegue penetrar na alma infantil. Nós como adultos que não entendemos a nossa própria infância, como poderíamos entender aqueles que estão sob nossa responsabilidade. Diz ainda que quando nós compreendermos nossa própria energia infantil e geradora da infância poderemos mediar, trabalhar e envolver a energia das crianças. A afetividade perpassa por esse entendimento e essa percepção do outro. As possíveis implicações que a afetividade pode gerar nos laços educativos dependem diretamente da compreensão dos professores pelos alunos e por todos que estão envolvidos no processo.

Não se pode deixar de falar de afeto e não falarmos de transferência<sup>5</sup>, já que elas andam juntas. Afetar-se permeia a transferência a medida que professor e aluno criam laços e transferem um para o outro seus anseios, inquietações e desejos. Em sala, os alunos, em via de regra, transferem o relacionamento que possuem em casa e com os amigos para o professor, e assim transferem também seus sentimentos, sendo eles hostis, amáveis, de amor e ódio, de acordo com os laços que possuem fora dali.

Dessa forma, podemos dizer que o professor começa a desempenhar um papel de receptor e carregador de sentimentos dos alunos e daí por isso que ele tem um lugar especial no inconsciente dos alunos, já que exerce grande influência sobre seus aprendizes. Toda essa relação de transferência e de influência é fundida pela afetividade, pois todos se afetam de alguma forma, todos recebem e enviam comandos sobre o outro.

Segundo Lacan e suas reflexões sobre os estudos de Freud, o desejo sempre é o desejo do Outro. E que outro seria esse? É quando passamos a admirar e observar quem no rodeia e quem nos afeta de alguma forma. E de forma natural e inconsciente passamos a transferir tudo que desejamos e ansiamos para o Outro. Esse termo foi originalmente criado por volta de 1955 para se aprofundar no que tange à transferência e aos desejos escondidos.

Nas reuniões de coordenação pedagógica sabemos que há grandes problemas na organização e no aproveitamento do tempo, bem como toda a estrutura humana que se

---

<sup>5</sup> Atribuir um sentido especial a alguém que corresponda ao nosso desejo inconsciente. (PESSOA, 2010)

faz necessária. As reuniões geralmente são feitas de forma estanques, mecânicas e sem um cunho um pouco mais humanitário. Se o trabalho é voltado para pessoas, feito por pessoas, conduzido por pessoas, todos os sentimentos humanos deveriam ser levados em conta, deveriam ser ouvidos, escutados e analisados por todos que ali estão presentes.

## **2.1 AFETO E REALIDADE ESCOLAR**

Após todo o estudo das questões sobre o coordenador e sobre o afeto e os laços afetuosos vemos quão longe estamos de compreender como essa relação é complexa e necessária para um bom andamento de reuniões, coordenações e até mesmo do próprio processo de ensino. Freire em seus estudos sempre trouxe arraigadas as questões da afetividade como conhecemos hoje; a humanização do processo educacional, a compreensão e a empatia quando lidamos com o outro, já que a Educação acontece quando estamos em conjunto, acontece no coletivo e não individualmente.

“... a “educação é um ato de amor”, sentimento em que homens e mulheres veem-se como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender, sendo que “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1987, p. 79-80).

Para Freire (1987), portanto a amorosidade, a afetividade e o diálogo devem andar juntos no processo de ensino, bem como em todas as relações que envolvam a palavra Educação. Pois quando a usamos em seu sentido amplo devemos nos lembrar que ela serve para que todos desenvolvam suas potencialidades, suas habilidades, de forma autônoma e consciente. A educação bancária já se foi há muitos anos, quando pensávamos enxergar o aluno como um ser sem experiência prévia.

Nas reuniões de coordenação não se pode pensar de forma diferente. O diálogo e o objetivo de fazer com que os professores se desenvolvam é algo muito importante para o bom andamento de uma instituição de ensino, não só isso, mas para o bem pessoal de cada um que compõe o processo. Professores conscientes de suas atribuições e de seu valor tendem a trabalhar de forma mais empenhada e com afinco. Wallon (s/data) in LIMA (2007) afirma que a afetividade influencia diretamente no desenvolvimento cognitivo e no funcionamento da inteligência. Sendo assim, nota-se como as reuniões de coordenações devem ser pautadas junto ao diálogo e a compreensão.

Como vimos, o afeto é a parte de nossa mente responsável por como sentimos e percebemos a realidade a nossa volta. É dele e por ele que impulsionamos sentimentos negativos e positivos. Que vivenciamos a realidade à nossa maneira. Assim, colocar em evidência a afetividade é ressaltar a importância em como vamos perceber e experienciar o mundo a nossa volta, o mundo educacional que nos rodeia.

Com a ajuda da psicanálise o coordenador fica mais confortável em tentar mediar relações conflituosas advindas da afetividade, carência e de demandas, que a escola proporciona, já que é um local permeado de relações interpessoais. Quando lidamos com pessoas, necessitamos lançar mão de ferramentas que nos ajudem e nos guie na árdua tarefa de organizar pensamentos, debates, discussões, e a psicanálise vem para tentar humanizar e olhar o outro sob outra ótica, um olhar mais brando e ameno tendo em questão a empatia e o sentimento de solidariedade.

Quando convidamos a psicanálise para adentrar nossas reuniões de coordenação pedagógica devemos estar cientes de que tudo irá acontecer de uma forma intuitiva. Trabalhar-se-á com o pensamento de possibilidade, sem formas corretas ou erradas, mas sim de ferramentas que podem ou não serem adequadas para a resolução dos problemas que ali existem. Quando falamos em possibilidades naturalmente levamos em consideração que cada grupo pode agir e enfrentar as reuniões de forma diferente. O que dá certo para um grupo de alguma escola, possivelmente não será adequado à outra, ou não. O que o coordenador necessita é de perspicácia e de uma boa leitura de seu grupo, conhecê-lo e observá-lo ao longo dos dias e meses.

Freud (1914) demonstra que a aplicação da psicanálise pode ou não ser eficiente da forma como esperamos, certamente ela repercutirá algo diferente no grupo, porem as

vezes pode ser bem divergente dos objetivos do coordenador em questão. As mudanças devem ser analisadas e pensadas ao longo do processo, já que de origem a Psicanálise e sua aplicabilidade não se deu no âmbito educativo, mas sim no clínico. Humanizar e entender os laços dentro de coordenações pedagógicas sob sua ótica é um tanto quanto subjetiva e complexa, porém muito necessária.

### **3. DEBATES E INQUIETAÇÕES**

#### **3.1 PRIMEIRO DIA DE DEBATES: EXTERIORIZANDO AS INQUIETAÇÕES.**

Como foi dito, a metodologia utilizada para observação e análise das informações foi encontros com professores com o intuito de debates e discussões sobre nosso tema. A escola escolhida foi o Centro Educacional 14 de Ceilândia. Dirigido pelo diretor Frederico, tendo como vice o professor Carlos, o supervisor Alex e a coordenadora Leila Back, o trabalho foi recebido de bom grado. Apesar das dificuldades presentes na época, os debates foram muito produtivos e elucidativos. Infelizmente, a educação do Distrito Federal passava por um período de greve e insatisfações por parte dos professores. Assim, nem todos os educadores participaram das discussões.

Ainda que o quorum de professores não tenha sido completo, os debates foram feitos de forma espontânea e bem natural. Foram feitos dois encontros, um mais reflexivo e outro onde os educadores explicavam as soluções possíveis que encontraram mediante todas as explicações. A psicanálise entrou nesse ponto, onde todas as reflexões e indagações foram observadas e pautadas de acordo com os pressupostos psíquicos e emocionais dos integrantes.

Antes de tudo, uma ambientação é necessária; a escola possui Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos e seus três segmentos. A pesquisa foi feita no turno noturno com representantes dos segmentos. A escola possui 19 turmas, quatro de primeiro segmento, sete de segundo segmento e por fim oito turmas de terceiro segmento. Possui uma sala áudio visual, equipada com vários computadores e sistema multimídia. A escola não possui auditório próprio, porém possui um grande refeitório para algumas atividades. Possui quadra coberta com lâmpadas novas e fortes. A sala dos professores é destacada da sala de coordenação, já que a escola julga que os educadores precisam de espaços diferenciados, um para o trabalho e outro para relaxar. Todas as



reuniões são feitas na sala de coordenação, ficando vedado o uso da sala dos professores para tal fim.

A escola possui uma biblioteca, que infelizmente não é muito utilizada no turno noturno, por falta de funcionário fixo para administrar e gerir as necessidades do espaço. Tem ainda alguns projetos muito importantes funcionando na instituição, como a ginástica nas quadras, aulas de balé clássico para todas as idades, aula de alongamento e dança de salão. Ainda possui projetos desportivos como karatê, futsal entre outros. O que mais chama a atenção na ambientação da escola é que de forma geral, os alunos a conservam em bom estado e têm cuidado com lixo, salas de aula e estacionamento.

Os professores foram convidados à sala de coordenação acompanhados por mim e pela coordenadora Leila Back para que se desse início ao debate inicial. Esse momento foi conduzido de forma orgânica com perguntas, respostas e reflexões. A primeira questão jogada para discussão foi o porquê de tanta desmotivação quanto às reuniões de coordenação. As respostas foram das mais variadas possíveis:

“Porque na maioria das vezes não fazemos nada.” (professor de Língua Portuguesa, trabalha há 12 anos na escola).

“Geralmente escutamos muito e não falamos nada.” (professor de primeiro segmento, 5 anos).

“Prefiro coordenar em minha casa, já que aqui somos obrigados a cumprir horário e não produzimos nada.” (professor de primeiro segmento, trabalha há 5 anos na escola.)

E assim observa-se que com todas essas respostas, e mais outras várias, que a insatisfação dos professores não está somente ligada à falta de motivação, mas sim na falta de estímulo, porém essas questões e posicionamentos não fazem parte da Psicanálise. Tratamos assim como desejo, vontades e não apenas como motivações. Pode-se observar ainda que possivelmente os professores sejam tratados de forma muito formal e distante. As reuniões são feitas que os professores interajam e criem um novo trabalho, mas se a gestão dessas reuniões for feitas de forma estanque nada será produzido.

Sob a ótica da psicanálise, as relações poderiam ser pautadas sobre a informalidade ou formalidade dependendo da situação. Quando tratamos o outro com a tal informalidade, misturamos as relações profissionais e pessoais, dando um tom mais relaxado e mais descontraído para esses laços. É o que se chama de estratégia de reconstrução. Ter conversas informais ou mesmo somente descontraídas aproxima todos que estão envolvidos no processo, causa confiança dos dirigentes e dirigidos, e inconscientemente vamos sendo levados a uma maior afinidade com aqueles que nos rodeiam. Parte desse estudo provém de Mandler (1988) quando seleciona tópicos freudianos para análise.

Dentre outras perguntas, uma que foi muito debatida pelos professores foi: Como seu coordenador te trata?. Uma pergunta simples, porém muito subjetiva, o que dá margem para que as respostas sejam as mais variadas possíveis e nem sempre serão aquelas que esperamos. Parte dos educadores presentes disse que bem, outros já foram mais diretos:

“As vezes penso que sou um estranho” (professor de Matemática, segundo segmento.)

“Eu nem faço questão que me tratem bem, estou aqui para fazer meu trabalho.” (professor de História).

Ao ser indagado, o professor de História foi bastante direto e objetivo explicando que local de trabalho deve ser tratado como local de trabalho e não com bate papo sem produção. Nas duas observações vemos um afastamento de ambos os professores, um desejo de se destacar do coletivo, uma defensiva que na maioria das vezes é prejudicial ao trabalho dentro das coordenações.

A afirmação dos professores acima é um tanto quanto composta por várias experiências ruins e desconfortáveis que esse profissional acumulou durante seus anos de docência. O espaço da coordenação é sim um espaço de trabalho e de muito conhecimento, porém não se deve confundir trabalho com distanciamento dos laços afetivos. Por isso voltamos mais uma vez na questão de estratégias de como administrar reuniões e como gerir as necessidades que emergem delas.

Outra inquietação evidenciada foi a falta de recursos, estímulos, planejamentos e um local específico. Sabemos que todos esses pontos são levados por todos os professores e coordenadores. A falta de pauta por parte dos coordenadores e uma falta de propósito nas reuniões pesa e muito para uma boa produção por parte de todos os integrantes. Traçar planos de discussão para as reuniões mostra interesse por parte dos coordenadores para com os professores e com o bom andamento do processo educacional.

“Quando chegamos e temos uma pauta coerente parece que temos mais importância.” (professor de atividades)

“É muito ruim quando não temos nada para fazer ou para discutir, daí ficamos falando água.” (professor de Matemática.)

As relações mais humanizadas também podem ser abarcadas nessas inquietações, dando voz aos professores e mostrando a eles a grande importância que têm para a escola e para seu bom funcionamento. Quando os profissionais se sentem mais vistos e mais ouvidos pode ser que produzam mais e que se sintam mais recebidos pela gestão escolar, ou seja, que o reconhecimento da existência do outro é significativa para que o trabalho flua. A voz é um instrumento muito importante para a psicanálise e para a uma boa experiência de vida.

“Freud (1923/1993) reconheceu na voz da consciência o domínio da moralidade sob a forma do imperativo categórico que ele assimilou ao supereu. Na experiência do inconsciente, descobriu o exercício de uma instância crítica, identificando-a a um mandamento cruel, que denominou sadismo do supereu e ao qual atribuiu uma dimensão pulsional por sua estreita relação ao isso.” (BASTOS, 2014)

E por último, o ponto que foi lançado para o debate, “Qual a importância da palavra compreensão para vocês e para o bom andamento das reuniões de coordenação?”. Este, talvez tenha sido o ponto mais forte mais complexo que tivemos nesse primeiro dia de debates. Depois de exteriorizarmos como os coordenadores tratam

os professores e como tudo funciona durante as reuniões, é chegada a hora de saber o porquê existem vários conflitos entre professores e coordenadores.

A compreensão entre todos deve existir sempre, não somente porque são profissionais da mesma instituição de ensino, mas porque todos são seres humanos, dotados de defeitos, qualidades, problemas, família, problemas financeiros, desequilíbrios mentais, inconstâncias de humor e outras tarefas além da escola. Entender e principalmente ouvir o próximo é um dos pilares da psicanálise segundo Freud (in PESSOA, 2000). Um bom líder ouve e compreende aqueles que lidera. A afetividade surge de diversas formas e uma delas é quando nos abrimos para escutar, ou nos abrimos para que alguém nos escute.

Abrir-se para que o outro possa ouvir, conversar ou apenas fique ao lado diante de problemas é uma eficaz ferramenta para que as pessoas se sintam mais amadas, mais recebidas, mais ouvidas ou mesmo mais respeitadas. Quando alguém nos ouve um sentimento de respeito e de consideração surge em nós, bem como quando somos escolhidos para sermos ouvintes somos tomados por um sentimento de autoconfiança e autovalorização.

Os laços existentes em uma escola, entre professores, coordenadores e outros gestores é muito tênue. De acordo com os professores, o que mais incomoda é a posição de sempre estarem na defensiva. Sempre, de alguma forma a comunicação não acontece de forma eficaz pelo fato de cada um interpretar e encarar o que se diz de uma forma diferente. Estar sempre armado e na defensiva dificulta todo o processo, inclusive as reuniões. Freud em seus estudos e livros discute vários mecanismos de defesa, sendo eles existentes em todos os seres humanos provenientes de processos orgânicos e de experiências durante a vida.

“Os mecanismos de defesa fazem parte dos procedimentos utilizados pelo **Eu** (Ego) para desempenhar suas tarefas, que em termos gerais consiste em evitar o perigo, a ansiedade e o desprazer. Entre os mecanismos de defesa é preciso considerar, por um lado, os mecanismos bastante elaborados para defender o **Eu** (ego), e por outro lado, os que estão simplesmente encarregados de defender a existência do narcisismo. Freud (1937) diz que

mecanismos defensivos falsificam a percepção interna do sujeito fornecendo somente uma representação imperfeita e deformada.” (MOURA, 2008)

Ainda que todos tenham esses mecanismos de defesa, quando ficamos muito na defensiva, tapamos os olhos para as informações importantes e para novos caminhos a serem traçados. Infelizmente nas escolas isso é muito mais complicado, já que o convívio é muito grande com todos e as reuniões constantes. Cada um quer que suas ideias ou convicções sejam prevalecidas e aceitas.

“Sempre tem alguém para discordar ou encerrar com as ideias” (professor de Ciências.)

“Às vezes nem nos ouvirem querem, só dizem, coloquem um abono ou alguma outra folga.” (professor de Matemática)

Essas questões colocadas pelos professores foram várias vezes repetidas, e é somente algumas das inquietações dos professores. Ouvir o professor sem muitos juízos e preconceitos gera mais conforto e mais afinidade entre todos. Ouvir problemas, sejam pessoais ou profissionais e tentarem traçar soluções para eles é um estratégia muito boa para que os laços sejam estabelecidos de forma mais humana e mais afetuosa, onde todos saiam ganhando. Uns sendo confortados outros sendo úteis para o processo de aprendizado.

### **3.2 SEGUNDO DIA DE DEBATES: ENCONTRANDO POSSÍVEIS SOLUÇÕES.**

O segundo dia de debates foi aberto para que se procurassem possíveis soluções e possíveis caminhos novos para as reuniões de coordenação pedagógica. A greve dos professores já estava encerrada, sendo assim a participação foi maior por parte de todos, ainda que não em sua totalidade. Muitos não gostariam de opinar já que tinham perdido o primeiro dia de debates e outros que não gostariam de se expor diante dos colegas e do coordenador. E nessa postura já podemos inferir que algo não anda realmente bem

nessas coordenações. Se há tenho medo de se expor é por algum motivo que possa me prejudicar.

Já que o intuito do presente trabalho é refletir sobre esses possíveis laços harmoniosos e humanizados nas coordenações pedagógicas, fui conversar com esses professores em particular para que expusessem os motivos pelos quais não gostariam de se expor ou tinham medo de tal ação.

“Depois falamos algo e ficamos sofrendo represália.” (participante 01)

“Até parece que podemos opinar sobre essas coordenações. Depois vão querer que façamos coisas que nem são da nossa competência, ou vão querer pegar no pé. Já vimos muito isso” (participante 02)

Com apenas essas duas colocações vemos quão grande as relações de amizade, fraternidade e profissionalismo estão defasadas. Já que não se tem confiança nem profissionalismo em momentos de crescimento, realmente a pesquisa foi ao encontro dessa situação.

Estabelecer vínculos seguros, confiáveis, estáveis e de respeito pelo trabalho do outro é muito difícil já que não depende apenas da abertura do coordenador, mas sim do professor também, bem como dos gestores e supervisores. Os laços dentro das escolas ainda se perdem no profissionalismo e na pessoalidade. E o medo ainda permeia quando tocamos em assuntos delicados, o medo de sermos rechaçados ou punidos. Creio que as críticas vêm para somar, para crescimento e não para serem tomadas de forma pejorativa e serem levadas como estímulos para retaliação.

Bem, voltando ao debate, foi feito da mesma forma que no primeiro dia, uma roda de professores e cada um lembrando o que foi posto no encontro anterior. Tudo o que tivessem encontrado de registro na memória era para ser dito, palavras, expressões. Como eram possíveis problemas não vimos necessidade de registra-los, porém no presente encontro, cada sugestão, cada possível solução seria registrada em grupos e colocada em um cartaz.

Os professores foram divididos em três pequenos grupos e foi entregue uma cartolina e um pincel. Ali colocariam todas as soluções e caminhos novos para as

coordenações. As sugestões deveriam ser registradas e todos do grupo deveriam estar de acordo com o que estava escrito.

Grata surpresa tivemos quando nos reunimos. Diante de todos os acontecimentos como a greve, a luta pelos direitos e toda a exaustão de tanto brigar por melhorias para o ensino, e quando nos reunimos para escrever caminhos novos para as coordenações esquecemos um pouco de toda a insatisfação e inquietação. Sentimo-nos bem, livres, parceiros. Principalmente aqueles professores que estavam no primeiro encontro. Com certeza vemos a necessidade de termos mais entrosamento e mais segurança no outro.

Os laços de respeito, cumplicidade e profissionalismo estabelecidos no primeiro encontro se refletiram no segundo, fazendo com que os educadores ali envolvidos tivessem mais voz, tivessem mais espaço e mais liberdade ao se colocarem e indagarem quanto a certos posicionamentos dentro da escola. O trabalho foi divertido e muito bem estruturado.

Assim que todos traçaram as metas, caminhos, sugestões ou qualquer que seja o nome que eles tenham dado, cada grupo apresentou seu cartaz para a turma. Explicando cada sugestão para a coordenação e quais instrumentos necessitariam para alcançar o que foi proposto.

Soluções como “dar bom dia”, “perguntar como está a vida”, “ser mais aberto ao colega que demonstra interesse” foram algumas das sugestões. Para ambos os grupos, as coordenações pedagógicas deveriam ser traçadas e planejadas previamente para que ninguém ficasse sem fazer algo produtivo ou sem atividades. Porém uma das sugestões de um dos grupos chamou-me atenção.

“Antes de falarmos sobre as questões pedagógicas que é o maior objetivo, deve-se separar um tempo para conversarmos amenidades e perguntarmos como nosso colega está.”

Tal sugestão vai ao encontro de toda a pesquisa quando falamos em reencontrar laços perdidos, criá-los ou mesmo reinventá-los de forma mais humana e simpática. Dar voz ao professor que ali está engajado no processo e fazê-lo sentir segurança em ser ouvido reverbera muito na qualidade das reuniões e na qualidade do ensino. O compartilhamento dos problemas, ideias, problemas pessoais e qualquer outro ponto fornece combustível para que o profissional sinta-se mais valorizado e mais visto por aqueles que de certa forma o coordenam.

As coordenações pedagógicas são feitas semanalmente e já possuem estratégias de entrosamento (pelo menos na escola onde foram feitos os debates), como o lanche coletivo. Porém uma reclamação dos professores foi justamente o lanche pelo lanche. Nada que falamos e debatemos tem ligação com aquilo que por ventura estamos passando. O lanche vem somente como uma distração e um momento de conversa que todos os dias temos. Conversar e se abrir dentro das coordenações tem outro foco. É abrir um espaço para desabafar, para compartilhar uma experiência que passamos e ver no outro um ouvinte e também sermos visto como ouvintes, aptos para aconselhar ou apenas prestar atenção na riqueza que o outro tem a nos ensinar.

Outra sugestão apontada me chamou muita atenção:

“Uma vez por mês, os professores usariam o tempo da coordenação para mostrar talentos como música, culinária, contação de histórias...”

Aqui o interessante está na visibilidade que o professor tem quando é proposto tal atividade. O profissional sente-se mais seguro, mais bem cuidado e muito respeitado, não somente como profissional, mas como pessoa, como cidadão, dotado de fraquezas, defeitos, medos e habilidades motoras que poderiam ser compartilhados com outros professores.

Assim que o debate se finalizou, foi proposto para que todos dessem um abraço no parceiro ao lado e que compartilhasse uma breve experiência que ainda não havia comentado com outro professor, sendo ela profissional ou pessoal. Feito isso, os cartazes foram afixados à parede da sala de coordenação para que ninguém se esquecesse das sugestões e possíveis novos rumos que as reuniões tomariam. Firmamos que a cada seis meses outro encontro e maior seria feito com a participação de todos os professores, já que esse foi optativo e voluntário.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as análises e observações feitas aqui partiram a princípio de uma inquietação própria que vinha sentindo durante todo o tempo que estou envolvido com educação, principalmente quando me tornei coordenador e voltei para sala de aula. Como a postura e as relações mudam; como podem ser tão volúveis e efêmeras.

Os laços que construímos e aqueles que destruimos de toda e qualquer forma nos afeta, nos influencia. Em instituições educacionais o trabalho pedagógico deve ser muito importante, porém não se podem esquecer-se das questões afetivas, humanas, já que elas também influenciarão no nosso trabalho quanto professores ou coordenadores. Elas são de suma importância para o bem estar e para o sentimento de realização profissional de todos os envolvidos.

Como vimos, o espaço da escuta, da empatia, do estabelecimento de laços que vão além dos profissionais deixam os professores e coordenadores mais interligados, mais dispostos e mais disponíveis. O que possivelmente poderíamos retirar de toda a observação seria quão importante cada professor, cada coordenador, cada gestor é importante e tem seu lugar dentro do processo, que sem apenas um o processo seria totalmente diferente. Sentir-se valorizado e sentir-se em evidência nos possibilita ter mais voz, mais segurança, mais autoconfiança.

Utilizar os estudos de Freud durante toda a observação fez-me compreender que tudo são possibilidades, que não se tem modelos prontos, moldes feitos, mas sim aspirações de soluções, ideias que podem ou não dar certo. A Psicanálise é rica em possibilidades e imensa em conhecimentos sobre a empatia, sobre a autoconfiança e a imagem que temos de nós mesmos. Ajudou-me grandemente ter a luz dos estudos de Freud para pautar toda a pesquisa.

Professores quando se sentem reconhecidos e importantes possivelmente poderão ser mais solícitos e bem mais dinâmicos em seu trabalho, pois ele notará que seu trabalho é valorizado, e não somente o trabalho, mas é valorizado e visto como um ser humano primeiramente. Um ser pensante, que pode opinar com categoria sobre diversos

assuntos inclusive sobre aqueles que interferem direta ou indiretamente em sua profissão e sua escola.

A Psicanálise forneceu estudos muito importantes para essa pesquisa, que pode, ainda que restrita, expressar um pouco sobre as inquietações que permeiam o trabalho dentro das coordenações, que por diversas vezes não são solucionadas ou nem mesmo ouvidas pelos próprios coordenadores. Ouvir e ser ouvido, observar e ser observado, ter e oferecer, amar e ser amado, ação e reação. A vida sempre terá uma troca por trás de tudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Angélica. A voz na experiência psicanalítica. Ágora, Rio de Janeiro, 2014.

BAUMAN, Zygmunt – Identidade, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALLIGARIS, Contardo. Cartas a um jovem terapeuta – Ed. Publifolha

BAUMAN, Zygmunt – Identidade, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MENGER, Elaine Maria Chaves. A afetividade nas práticas pedagógicas. Três Cachoeiras, 2010.

FREUD, Sigmund – O mal-estar na civilização, Vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, 1974, p. 81-171.

GROSBAUM, Marta Wolak; DAVIS, Cláudia. Sucesso de todos, compromisso da escola. In: VIEIRA, S. L. (Org.). Gestão da escola: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KAËS, R. *Um singular plural*. São Paulo: Loyola, 2010.

LACAN, Jacques, o analista do futuro. In: Você quer o que deseja?, São Paulo: Editora Best Seller, 2003, p. 205-208. Texto também publicado em Opção Lacaniana, n. 32, 2001, p. 52-53.

LIBÂNEO, J.C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5 ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

LIMA, Paulo Gomes. O Coordenador pedagógico na Educação Básica. Desafios e perspectivas. UNASP, 2007

MANDLER, Jean. The cradle of categorization: Is the basic level basic?.  
Desenvolvimento Cognitivo. 1988.

NOBRE, Letícia. A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto. UFRJ. Rio de Janeiro, 2001

OLIVEIRA, Jane Cordeiro. A função gestora do coordenador pedagógico na formação continuada docente: um estudo nas escolas públicas municipais da cidade do Rio de Janeiro. Doutorado em Educação - PUC-Rio

PESSOA, Vilmarise Sabim. A Afetividade sob a ótica psicanalítica e piagetiana. UEPG- Rio Grando do Sul. 2000.

SCHÖN, D. A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

VENAS. Ronaldo Figueiredo. A transformação da Coordenação Pedagógica ao longo das décadas de 1980 e 1990. UFSE. São Cristóvão- SE. 2012.

WINOGRAD, M. 2009. Afeto e adoecimento do corpo: considerações psicanalíticas. Revista Ágora.